

Estudos culturais na web: uma crônica tecno-sentimental

Heloísa Buarque de Hollanda

Se há alguma coisa da qual me orgulho é de ter merecido a confiança da Professora Yone Chastinet para coordenar o projeto piloto em repositórios de informação especializada do Projeto Prossiga, um projeto de ponta do CNPQ, cheio de novidades e que nascia obstinadamente comprometido com uma causa nobre: viabilizar e agilizar a comunicação entre produtores científicos nacional e transnacionalmente e assim fomentar a atualização e o desenvolvimento da pesquisa no Brasil.

Para falar a verdade eu não sabia o que era um repositório de informação especializada. Mas sabia que eu queria fazer de qualquer maneira esse projeto e intuía que o próprio conceito de repositório ainda não estava de todo definido o que era para mim fascinante na medida em que eu seria cobaia, mas também parceira numa aventura acadêmica novíssima para mim que, de certa forma, já estava me arriscando no trabalho teórico e de pesquisa com uma área de saber emergente e também ainda não totalmente definida institucionalmente que são os Estudos Culturais...

Não vou falar agora sobre Estudos Culturais porque seria muito longo, um “assunto em si” e, sobretudo porque não é o ponto que me interessa trazer para este seminário. Mas creio que devo pelo menos dar alguma informação sobre o campo de saber que nossa BV pretende cobrir.

Sumaríssimamente, os Estudos Culturais são o que poderíamos chamar de uma pós-disciplina. De um ponto de vista maldoso, diria que a real importância dos Estudos Culturais é a denúncia que promove da arbitrariedade que marca o traçado das atuais fronteiras disciplinares, é a explicitação de um momento bastante interessante que estamos vivendo na área acadêmica que mostra uma saudabilíssima implosão e revisão que os campos de saber estão sendo obrigados a fazer com certa urgência, incluindo-se aqui até mesmo o não-engajamento extra-muros da academia.

Por outro lado, a emergência dos Estudos Culturais coincide com o surgimento de novas formações supranacionais, culturais e políticas, com a reorganização das fronteiras

nacionais e com as novas formas de organização da sociedade civil e seu diálogo com o Estado. São as ONGs universitárias, digamos, ou um “bloco histórico” como quer Fredric Jameson, o teórico da área de maior prestígio.

Portanto, para trabalhar num projeto piloto de Bibliotecas Virtuais de Estudos Culturais foi, para mim, uma oportunidade muito atraente não só pela novidade que trazia a metodologia de trabalho que o Prossiga propunha e o desvendamento do misterioso mundo da web, mas também por este trabalho ser numa área de conhecimento novíssima e extremamente sensível aos problemas sociais e culturais contemporâneos e que transpassava, a seu jeito, todas as disciplinas das ciências sociais e humanas.

Esse aspecto que estou mostrando como atraente, foi, por sua vez, um dos primeiros problemas que tive que enfrentar na construção da BV. Um dos traços dos Estudos Culturais, por sua forte vinculação com os problemas sociais e culturais, é que a definição da área oscila em relação ao contexto no qual está inserido. Assim, nos USA é mais “localizado” em Letras e na Antropologia, na Inglaterra na sociologia, na América Latina flutua entre antropologia, educação e, mais recentemente, em letras e artes. O que terminou ficando claro através da prática no trabalho de construção da BV é que as disciplinas, como a própria web, vem elas próprias se descentralizando, que os saberes começam a se aproximarem entre si e a interagirem de forma inédita.

Ou talvez, seja o próprio esforço que a navegação exige para que se identifique o que pertence ou não a uma dada disciplina que termine por evidenciar a natureza artificial, construída e mesmo ideológica de sua fronteiras.

Na nossa BV vamos encontrar sites e dados totalmente fora dos nossos critérios como curadores/vigias da área de Estudos Culturais, mas que se “infiltraram” nesta área, no melhor sentido.

Um segundo ponto problemático que esse trabalho nos colocou foi o de definir, em se tratando de material para pesquisa, aonde acaba a informação acadêmica e onde começa a informação social ou política e a pertinência dessa informação para uma BV de estudos culturais. Portanto, não foi tarefa das mais fáceis o trabalho de delimitação do campo onde

navegar ou, para ser mais específica, das palavras chaves e do thesaurus que deveríamos montar para orientar as buscas.

Não quero deixar de dizer aqui que esses primeiros problemas definiram uma relação excepcional de integração entre os pesquisadores da BV e a equipe Prossiga, que sinto como um casamento profundo e que, espero em Deus, seja indissolúvel.

No início, portanto, tivemos um trabalho bastante árduo de seleção de palavras chaves, de desenho das disciplinas que constituiriam nosso campo de navegação, e muito especialmente de estratégias necessárias para alcançar campos ausentes da Internet. Ou seja: como incluir na BV as instituições, núcleos, centros de pesquisa e mesmo pesquisadores não hospedados na Internet, mas que eram de enorme importância para a referência de nossos usuários.

É interessante observar que os pesquisadores seniors de humanas não tem a cultura da Internet. Recusam-se a ter endereços eletrônicos e muitas vezes mesmo não usam o computador em seu trabalho por opção diria, às vezes até ideológica. Verificamos que pelo menos no nosso caso, a navegação leva, com facilidade, a um enorme número de estudantes de pós-graduação ou a pesquisadores juniors. Como formar uma BV sem as lideranças acadêmicas? Ficou provado que apenas pela navegação não iríamos ter essa informação. Da mesma forma, uma grande parte de instituições e núcleos de estudo e pesquisa, especialmente nos nossos países, estão claramente ainda em fase pré-internet evidenciando uma real dificuldade na obtenção de recursos para equipamentos e sua manutenção.

A solução encontrada foi genialmente anacrônica: no meio da sofisticação metodológica do Prossiga, Yone teve a idéia da “estratégia da gaveta”. Ao mesmo tempo em que navegávamos no ambiente da Internet, soltamos bolsistas na rua, num tipo de “pesquisa presencial” em diversos locais e instituições para recolher informações que ficariam guardadas na “gaveta” para depois serem incluídas na BV de forma “quase artesanal”. Em algum momento, lembro que tivemos a generosa idéia de sediar uma central de assessoria ao fomento a estes centros não informatizados. Idéia que infelizmente ainda está ela própria na “gaveta” (mas de onde pode sair também a qualquer minuto).

Vou me permitir neste ponto fazer uma pequena digressão sobre alguns diferenciais do trabalho, que se quer virtual, com a área de ciências sociais e humanas. Além de repetir que é importante não esquecer que, até ha bem pouco tempo pelo menos, a área de humanas tem TEMIDO a tecnologia, quero chamar a atenção para um outro traço diferencial do nosso pesquisador de humanas: um pesquisador que se comunica pouco, que tem pouca experiência ou cultura de trabalhar em equipe e em laboratórios ou seja, um pesquisador não treinado num tipo de trabalho colaborativo.

Esse pesquisador traz como uma de suas preocupações centrais a preocupação autoral. É nesse sentido que um dos traços fortes do ambiente da internet que é a incontrollabilidade da relação autor/leitor parece apavorar nosso pesquisador específico. No caso da web, o leitor pode operar de forma múltipla num texto. A tendência é que ele saia linkando partes de SEU TEXTO com partes de novos textos que estejam real ou virtualmente sinalizados em sua “bússola particular”. A legitimidade da autoria, o maior encanto e prazer do intelectual humanista está, parece, com seus dias contados. Para mim, vejo isso pode abrir possibilidades infinitas pra a produção de conhecimento, especialmente se estimularmos, através da pesquisa on line, a criação de novas formas de autorias colaborativas que encorajem expressamente o processo de transformação textual.

Talvez a grande tarefa do scholar hoje seja exatamente de linkar o que não estava linkado ou de romper explicitamente parâmetros construídos para que se possa entrever novas relações de produção na área intelectual. Para falar a verdade, essa é minha grande expectativa no aprofundamento político de um projeto de estímulo e agilização da comunicação acadêmica na área de humanas.

Acho que chega de sonhos e digressões, volto à minha experiência como coordenadora da BV de Estudos Culturais do Prossiga.

Vou então direto para um item mais doloroso e que é o calcanhar de Aquiles de minha BV: a questão de minhas expectativas em relação aos serviços e ao uso da BV pela comunidade. Ainda que a BV de estudos Culturais tenha ganho prestígio no meio seja elogiada e citada em encontros e congressos no Brasil e no exterior, a visitação e os serviços que oferece são muito aquém do que poderiam ser. Pensei em mil coisas para sanar

esse gap como investir em publicidade, implementar atrações, serviços (Nepomuceno me dá idéias geniais cada vez que é consultado) mas não tenho conseguido criar condições de eficiência para estes serviços como articular uma equipe exclusiva e treinada para isso, um público significativo para chats e seminários on line, manutenção de listas de discussão, um uso mais eficaz do mural etc. O que mais deu certo até hoje foi o boletim que mantemos chamado EC-NET porque é de produção mais ou menos fácil e não exige um público mais ativo ou interativo. É um serviço, digamos assim, mais parecido com os serviços off line prestigiados pela área.

Portanto, as necessidades que hoje identificaria como prioritárias da BV de Estudos Culturais são: um maior desenvolvimento de estratégias de marketing na web, uma maior atenção às novas metodologias de comunicação para o site e, principalmente, a venda de serviços.

Há ainda uma outra questão mais de fundo que estaremos enfrentando este ano: hoje a crise da Universidade sugere que há uma demanda urgente para que ela se repense e se readeque às novas necessidades do mercado e das relações sociais e políticas. A Universidade, queira ou não queira, vai ter que se explicar e negociar, com maior transparência e eficácia, sua pesquisa e produção científica com a sociedade. Nesse sentido, é importante que as BVs se dêem conta também de não se isolarem na produção pura de conhecimento – digo isso no âmbito da definição das categorias de suas entradas – e sejam mais audaciosas na disponibilização de resultados, dados ou informações extra ou para-acadêmicas que consigam produzir uma articulação mais efetiva entre a pesquisa e as demandas da sociedade. Alguns recortes novos devem ser experimentados tentando de certa forma fragilizar as fronteiras disciplinares.

Para finalizar, volto para uma impressão muito inicial de meu trabalho na BV, mas que vejo como um dado interessante, sintomático e que sobretudo expressa minha avaliação desse processo que foi a experiência de implementação da BV de Estudos Culturais no âmbito do Prossiga. Falo de uma observação muito particular sobre a tensão que, durante formação da equipe da minha BV, marcou a relação inicial dos pesquisadores do PACC com os técnicos envolvidos no projeto Prossiga. Um estranhamento que me iluminou

bastante sobre os preconceitos que rolam igualmente em ambas categorias e que me sugeriu a importância de administrar essas na direção de promover uma colaboração que tende a surpreender, como efetivamente acabou surpreendendo.

Não quero me deter muito na crônica do noivado entre os pesquisadores e os técnicos da BV. Mas não resisto à tentação de contar que, no meio das brigas iniciais, descobri uma preciosidade: o ideal para um coordenador de BVs é colocar incessantemente questões teóricas para os técnicos e questões técnicas para os pesquisadores. O resultado – ficou provado - é sempre fascinante e de desdobramentos impensáveis.

Foi por isso que, uma vez relativamente configurado o design da BV de Estudos Culturais, e tendo tido o talento (aí me dou crédito) de agrupar uma equipe afinada e excelente (com destaque especial para Mariana Duarte que cresceu profissionalmente de forma espantosa durante esses dois anos, mas sem deixar de mencionar o Renato Rezende (dublê de pesquisador e tradutor), a super Silvana, o Cláudio, a Marcia, a Eliane e a Monina, nossa última aquisição)) e de cooptar a antropóloga, Professora Ilana Strozenberg, para a função de curadora da BV, me acomodei no papel que hoje exerço que é o de atrapalhar sistematicamente técnicos e pesquisadores, ou seja, de não deixar a lógica conceitual da BV se consolidar de forma definitiva.

Senti a eficácia disso quando percebi o grau de produtividade cognitiva da interação, mesmo quando conflitiva, entre o time de pesquisadores e o time de técnicos.

Não houve nenhuma vez na qual eu tenha mostrado alguma insatisfação ou desafiado o nosso sistema de inclusão de dados, de serviços e comunicação ou tenha proposto novas categorias insólitas e aparentemente inadequadas que a atitude dos técnicos do Prossiga não tenha sido de total entusiasmo e disponibilidade de criação e invenção (isso mesmo sabendo que estas alterações vão dar um trabalho doido e com o risco de Ter de alterar o manual do Prossiga). Certamente, foram nesses momentos que tivemos nossos maiores avanços.

E é por isso que, hoje, como coordenadora, me dedico com a maior disciplina, na tarefa de atrapalhar o trabalho de minha própria equipe. Com isso, quero dar o crédito para o que me parece o grande valor conceitual do projeto Prossiga: sua espantosa abertura

metodológica. A vitalidade da equipe do Prossiga e a imaginação destemperada de Yone Chastinet me deram uma coisa que raramente eu tive a oportunidade de experimentar: a liberdade para inventar. E isso não tem preço.